



Circuito da
DIVERSIDADE
na escola

**OCUPANDO INSTITUIÇÕES DE ENSINO
COM A ESTÉTICA DA/O OPRIMIDA/O**

SISTEMATIZAÇÃO E REGISTRO DE EXPERIÊNCIA

NÚCLEO OCUPA MADALENA DE TEATRO DAS OPRIMIDAS E GRUPO TRANSAS DO CORPO

GOIÂNIA E APARECIDA DE GOIÂNIA 2016/2017

REALIZAÇÃO

Núcleo Ocupa Madalena de Teatro das Oprimidas
e Grupo Transas do Corpo

CURINGAS

Elismênnia Aparecida de Oliveira, Lorena Patrícia de Oliveira,
Renata Pessoa e Takaiúna Correia.

COORDENAÇÃO GERAL

Marilia da Silva

PRODUÇÃO

Lorena Patrícia de Oliveira

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Jéssika Hannder

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Takaiúna Correia

FOTOGRAFIAS

Jéssika Hannder, Juliana Cordeiro, Marilia da Silva, Takaiúna Correia.

DESIGN GRÁFICO

Luciana Afiune

FINANCIADORA

Fundo Brasil de Direitos Humanos

OFICINAS PARCEIRAS MINISTRADAS POR

Marta Quintiliano, Taíze Inácia, Ponto de Cultura Flora do Vale,
Movimento Urbano - Ap-Go, Associação Quilombo Urbano
Jardim Cascata - Ap-Go, Antonilde Rosa, Ludmyla Marques, Marilia da Silva,
Sabrina Iná, Los Papa Tintas,
Vanessa Damasceno, Danúbia Mendes, Eronilde Nascimento.



AGRADECIMENTOS

À toda a comunidade escolar do Colégio Estadual Jardim América (Goiânia), Colégio Estadual João da Costa Carvalho (Bairro Independência Mansões-Aparecida de Goiânia); Colégio Estadual Gracinda de Lourdes (Goiânia) e Instituto Federal de Goiás (Goiânia-Centro) pela acolhida e respeito; à Coletiva Feminista Dercy Gonçalves e Grêmios Estudantis do IFG pela parceria; a cada trabalhadora e trabalhador da educação que nos acolheu, acreditou em nossa proposta e abriu portas nas escolas públicas para essas vivências; às/aos estudantes que estiveram conosco em cada atividade, compartilhando suas histórias, dores e sonhos, agradecemos pela confiança e pelo aprendizado que nos proporcionaram; à curinga Cláudia Simone, madrinha e consultora, pela disponibilidade e generosidade na leitura atenta e contribuições para este texto; às curingas e madalenas Fernanda Dias e Bárbara Santos, também pela generosidade nas formações; à nossa curinga e madalena Carolina Santos, pela presença e acompanhamento desde além mar; ao Fundo Brasil de Direitos Humanos, por proporcionar, com a máxima liberdade de ação, nosso compartilhamento de recursos para a defesa de nossos direitos; e a cada artista que empenha seu talento, criatividade e suor nas lutas por libertação.

INTRODUÇÃO

Quais são os caminhos mais eficazes na luta contra as opressões? A proposta do Teatro do Oprimido, criado e desenvolvido como técnica primeiramente pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, com milhares de praticantes e multiplicadoras no mundo inteiro, propõe certa visão: de que as práticas opressoras, a cultura conservadora e limitante da liberdade e os sistemas de dominação se sustentam nos canais estéticos de construção de sentidos, que nos informam sobre nós mesmas e sobre o mundo, nos dizem quem somos, como devemos agir para ter sucesso e sermos bem aceitas, quem está certa e deve ser admirada, quem não terá nenhuma chance se não pela via da auto-repressão e submissão.

As ideias dominantes em uma sociedade são as ideias das classes dominantes, certo, mas, por onde penetram essas ideias? Pelos soberanos canais estéticos da Palavra, da Imagem e do Som, latifúndios dos opressores! É também nestes domínios que devemos travar as lutas sociais e políticas em busca de sociedades sem opressores e oprimidos. Um novo mundo é possível: há que inventá-lo! (Augusto Boal – Estética do Oprimido)

A dominação estética da vida, quer dizer, a imposição da vivência baseada nas construções de sentidos do opressor, limita nossa capacidade de pensar, sentir e agir, nos guiando em passos contra nós mesmas. Criar sentidos por meio de nossas próprias experimentações estéticas, baseadas na vivência, nos registros do nosso próprio corpo, nos dá chance de, em primeiro lugar, reconhecer e elaborar pensamentos sobre as opressões que sofremos. Podemos ainda reconhecer as opressões de que somos agentes ou coniventes. Por último, podemos ensaiar, simular, experimentar formas de ser, pensar e agir inéditas, nos propondo a outros papéis diferentes daqueles que nos foram legados. Na visão de Augusto Boal, em vez de “tirar” alguma coisa do espectador, o teatro provoca nele o desejo de praticar na realidade o ato que ensaiou no teatro. “O teatro é um ensaio para a Revolução”, diz a célebre frase do teatrólogo. A arte, assim, não é mais nem menos importante do que qualquer outro campo batalha. Ela é *essencial*. É preciso romper as grades perceptivas que limitam nossas potencialidades ao que foi imposto como adequado, sistemicamente conveniente, ordenado e controlado. Sem romper a “cega e muda surdez estética”, sem uma outra visão de nós mesmas, sem a propulsão imagética de nossas potências, dificilmente chegaremos a uma visão ativa comum sobre os caminhos para a transformação. Precisamos nos experimentar desde outros lugares para conseguir transformar o lugar onde estamos.

O pensamento sensível, que produz arte e cultura, é essencial para a libertação dos oprimidos, amplia e aprofunda sua capacidade de conhecer. Só com cidadãos que, por todos os meios simbólicos (palavras) e sensíveis (som e imagem), se tornam conscientes da realidade em que vivem e das formas possíveis de transformá-la, só assim surgirá, um dia, uma real democracia (Augusto Boal).

E que diferentes opressões vivem diferentes corpos? Vivemos num momento onde lutas de diferentes grupos identitários ou étnicos, por exemplo, as lutas anti-racistas, as lutas das mulheres, indígenas e dos movimentos LGBTQTI, ganham força de expressão. Diferentes vozes precisam ser ouvidas no processo de combate ao pensamento único baseado na

sobreposição dos valores e interesses normativos sobre a diversidade da vida sobre a terra. Esse parece um grande desafio para a unificação de nossas lutas em torno da sobrevivência no e do planeta.

E, junto à diferença dos corpos, há diferenças de história, de cultura e, por isso, de demandas. A busca da igualdade de direitos no campo da diferença nos chama para outro conceito, o da equidade, que significa incluir a justiça na luta contra a desigualdade. A luta contra as injustiças históricas, passadas e presentes, por vezes gera a necessidade de reparação, ações afirmativas. Somos diversas, adoramos isso e exigimos justiça, espaço e respeito. A potência da estética do oprimido, de Boal, se multiplica em cada novo oprimido ou oprimida que entra em cena, na luta. E se desdobra em novas técnicas e métodos com cada novo grupo que se debruça na experimentação e investigação de si, coletivamente, por meios dos jogos de criação teatral. Neste palco, encenamos nossa própria auto-recriação, numa brincadeira real que contribui com a criação de novas comunidades, um pouco mais livres do preconceito. Esperamos que este registro de ação contribua para outras lutadoras e lutadores em seus campos de ação.

1 - PLANEJANDO DIÁLOGOS - COMO FALAR SOBRE DIVERSIDADE COM JOVENS ESTUDANTES/MILITANTES

1.1 A proposta do Circuito da Diversidade

O Circuito da Diversidade surgiu como proposta a partir de vivências de algumas integrantes do *Núcleo Ocupa Madalena de Teatro das Oprimidas* em escolas ocupadas por estudantes entre o final do ano de 2014 e início de 2015. Era um momento de efervescência política no centro de Goiânia e na periferia, repleto de rebeldia, vontade de transformação, troca de saberes. Muitos grupos militantes e ativistas buscaram contatos com as ocupações, realizando atividades culturais e formações políticas para as estudantes em luta e ficou o desejo de proporcionar a estes novos grupos atuantes discussões sobre diversidade sexual, combate ao racismo e ao machismo. Em cada escola ocupada, estudantes secundaristas deram os seus primeiros passos feministas; estudantes negras deram seus primeiros passos para a consciência e afirmação racial; estudantes homossexuais tiveram os seus primeiros contatos com a movimentação por direitos. A chance de estar novamente nessas escolas seria a de fortalecer essas novas guerreiras nas suas lutas, que, sabemos, estariam só começando.

O ambiente da escola é marcado pela “zuação”, pelo “sarro”, pela “avacalhação” - toda sorte de constrangimentos que hoje se resumem no importado *bullying* estadunidense. A violência contra tudo o que não se encaixa perfeitamente nos padrões hegemônicos é violentado, é açoitado, é relegado ao campo do bizarro, é retirado do direito de existir, na afirmação do outro, o branco, masculino, heterossexual e rico - mesmo essa sendo a realidade da minoria dos estudantes das escolas públicas brasileiras. Sabemos, no entanto, que o que embasa as atitudes preconceituosas de crianças e jovens é a cultura dos adultos que, de forma massiva, está ancorada no capitalismo patriarcal e cristão - o cristianismo sendo aqui citado pelas expressões de imposição moral intolerante de fanáticos, chamando atenção para um fenômeno brasileiro chamado *racismo religioso*.

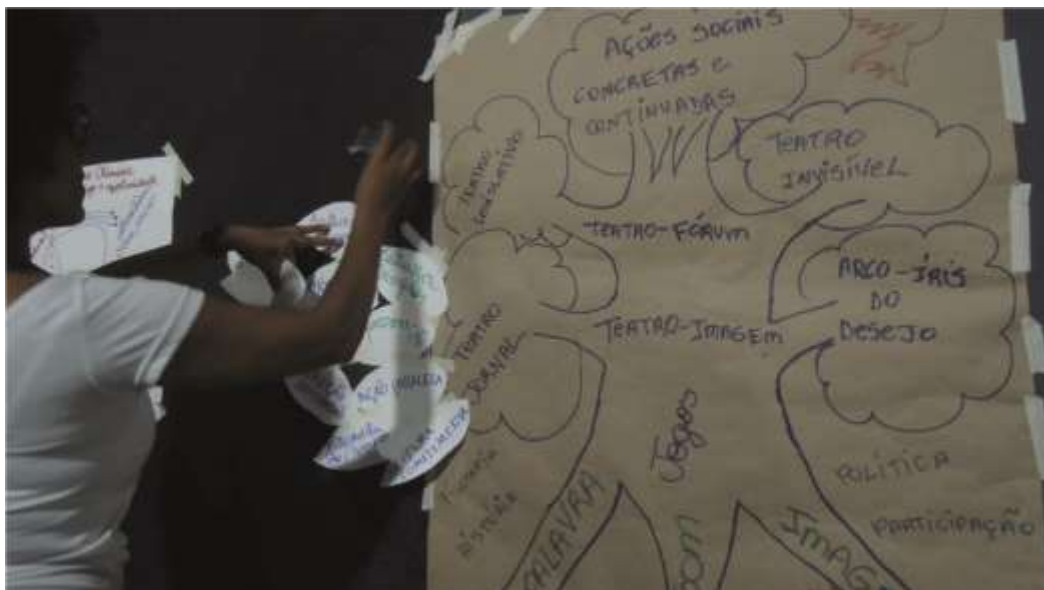
A formação voltada para a afirmação da diversidade serve para fortalecer as lutadoras que estão resistindo em cada instituição, muitas vezes de forma solitária, silenciada, por vezes perseguida e violentada. O rompimento com o preconceito depende de mudanças na cultura, uma luta lenta e árdua de cada pessoa diversa contra um ambiente hostil, exposta ao medo. Nossa vontade, circulando por algumas escolas, foi compartilhar nossas armas de luta com essas jovens lutadoras, munindo-as daquilo que há nelas mesmas como potencial de luta e resistência, dando-lhes um ponto de apoio e afirmação.

Nossa munção é nossa palavra por respeito, nossa força e atividade, nossa criatividade, nossa vontade de estar bem e fazer bem. Nossa arma é nossa arte, nossa expressão. O Teatro do Oprimido é nosso laboratório. Experimente-se!

1.2 As Madalenas fazem Teatro Jornal

O *Circuito da Diversidade* foi, então, uma proposta de ação desenvolvida por mulheres cuja formação no Teatro do Oprimido se deu por meio do *Laboratório Madalena*, que, segundo a curadora Cláudia Simone, se propõe a ser “um espaço estético, democrático, criativo, propositivo e dinâmico, onde mulheres possam se reconhecer e serem reconhecidas como produtoras de arte, de conhecimento e de transformação social. Um espaço de valorização e de difusão dessa expressão; de intercâmbio e de estímulo à solidariedade e à justiça”. O *Laboratório*, desenvolvido como técnica inicialmente a partir da pesquisa das curadoras Alessandra Vanucci e Bárbara Santos, foi experimentado por mulheres do Brasil, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, Alemanha, Índia, Áustria e Espanha (que também foi multiplicado na Argentina), que colocaram seus temas prioritários em discussão pública, abrindo espaços de reflexão, reivindicação e mobilização, demonstrando como a arte pode facilitar a abordagem de temas socialmente sensíveis ou mesmo temas-tabu, como aborto, mutilação genital feminina, AIDS, abuso sexual, sexismo, sexualidade, entre outros, e ser um caminho viável para a busca de meios concretos para a superação de injustiças e discriminações.

Os jogos praticados nesta experiência envolvem uma pesquisa estética dos corpos femininos, a questão da ancestralidade, uma investigação acerca das imagens coladas no inconsciente feminino, convidando as mulheres a uma religação com o que viveram suas antepassadas. Com base nesta investigação e dando prosseguimento a ela, o *Ocupa Madalena* já vinha realizando atividades com grupos de mulheres em Goiás há vários anos, porém o *Circuito da Diversidade* nos impôs novo desafio: trabalhar com grupos mistos jovens.



A escolha para este projeto foi utilizar uma outra técnica da Árvore do Teatro do Oprimido, de Boal: o *Teatro Jornal*, uma potente técnica criada pelo teatrólogo durante a ditadura militar no Brasil, quando esteve em exílio. A proposta do *Teatro Jornal* é revelar o que está “por trás” das notícias dos jornais e telejornais e de todos os produtos midiáticos que nos informam sobre a realidade. Segundo ele, as mensagens dos meios de comunicação, “invadem nossos cérebros” e, sem o reconhecimento de todas as artimanhas daqueles que controlam esses meios, somos “analfabetos estéticos”, pessoas condicionadas à situação de oprimido:

No mundo real em que vivemos, através da arte, da cultura e de todos os meios de comunicação que as classes dominantes, com o claro objetivo de analfabetizarem o conjunto das populações, os opressores controlam e usam a palavra (jornais, tribunas, escolas...), a imagem (fotos, cinema, televisão...), o som (rádios, CDs, shows musicais...), monopolizando esses canais, produzindo uma estética anestésica – contradição em termos! –, conquistam o cérebro dos cidadãos para esterilizá-lo e programá-lo na obediência, no mimetismo e na falta de criatividade. Mente erma, árida, incapaz de inventar – terra adubada com sal! (Augusto Boal – Estética do Oprimido)

O momento atual que vivemos no Brasil – 2016/2017 - não é de uma reconhecida ditadura, mas é, sim, um momento de incontáveis imposições políticas por meio da força, do anulamento da palavra do povo organizado, da imposição de mensagens, do terrorismo midiático que nos faz temer a “crise” e dar tudo o que é nosso aos políticos e patrões para que eles consigam manter a “economia” sob controle, sob ameaças de um futuro insólito sem emprego. Ora, não é insólito nosso presente? E, talvez de forma ainda mais avassalora, nossa realidade atual é altamente mediada por tecnologias da informação. O *smartphone* ligado à internet está nas mãos de uma parcela enorme da população, incluindo a população periférica com acesso à renda. E, se seguirmos os preceitos de Boal, seguimos sendo *analfabetos estéticos*. A experiência de organização política de estudantes nas ocupações as/os colocou em



contato com experiência de ser notícia, o que no Brasil, para pessoas que buscam a transformação social, significa ser silenciado e criminalizado. Conhecer e compreender os mecanismos utilizados pela mídia, quer dizer, ser iniciado num processo de alfabetização estética com a chance não apenas de denunciar as arbitrariedades e manipulações da grande imprensa, mas também de revidar, de ocupar e transformar os *canais estéticos* em contato com nossas comunidades, foi a perspectiva que colocou o *Teatro Jornal* como técnica fundamental do *Circuito da Diversidade*. E para conseguir fazer isso da melhor maneira, buscamos nos fortalecer criando um momento de troca com a mulher que hoje é a maior referência ativa sobre esta técnica, a curinga Cláudia Simone.

Carioca, atriz e curinga do Teatro do Oprimido atualmente integrante do *Pas à Passo Théâtre de L'Opprimé* (Madeleine-Amiens, França), Cláudia Simone se dedica, entre outras experimentações, ao aprofundamento de pesquisa e prática estética especificamente sobre o *Teatro Jornal*. Por meio desse projeto, tivemos oportunidade de trazê-la a Goiânia e Aparecida de Goiânia para oferecer uma formação, a partir da qual elaboraríamos a oficina que seria aplicada nas escolas em Goiânia e Aparecida. A alfabetização estética por meio do *Teatro Jornal* foi um conceito bastante utilizado por ela neste processo, aos poucos mostrando-se palpável, por meio dos jogos e técnicas experimentados, trazendo-nos referências para refletir sobre a potência da Imagem, Som, Palavra, lembrando a todo momento o ponto mais essencial da proposta de Boal: o Teatro do Oprimido é feito pelo oprimido, com o oprimido, para o oprimido.



Das muitas questões levantadas durante os dias de formação, algumas ficaram latentes e sem dúvidas foram revisitadas depois, quando já nos encontrávamos no contexto das escolas. O papel da curinga/multiplicadora, como educadora social, que não traz fórmulas prontas, mas procura mediar a reflexão entre as/os praticantes de *Teatro Jornal*; os cuidados que se deve ter com a/o outro nos processos de “curingagem” (auxílio e debate sobre o processo de criação pelas facilitadoras do T.O), considerando que cada pessoa é composta de subjetividades e vivência de opressões de maneira particular; e, sobretudo, os objetivos

de se praticar o Teatro do Oprimido. As perguntas “qual o objetivo da oficina? Qual o seu objetivo como curadora? Qual o objetivo do grupo? Qual a opressão ou discussão do grupo?” nortearam todo o processo e nos colocaram em estado de atenção e diálogo constante, nos acompanhando ao longo de todo o projeto.

Para além da técnica de *Teatro Jornal* - os jogos, exercícios, pesquisa de notícias, construção de cenas, debates e teoria do Teatro do Oprimido - Cláudia Simone nos orientou em questões básicas, que podem parecer simples e desnecessárias, mas que fizeram toda a diferença no processo com as escolas. De maneira muito generosa a curadora nos auxiliou no planejamento das ações, em como abordar as/os alunas/os, como se preparar e preparar o ambiente para as atividades. “O programa não é uma receita de bolo, não podemos simplesmente copiar e colar ... cada grupo é uma realidade, um contexto, uma necessidade e usarmos de todo o nosso conhecimento e pensamento sensível para construir um caminho é fundamental na condução do processo” (Cláudia Simone).

Após o processo de formação para Madalenas, acompanhamos Cláudia numa oficina de formação de dois dias com os jovens integrantes do Ponto de Cultura Cidade Livre, localizado no bairro Cidade Livre, em Aparecida de Goiânia, região metropolitana de Goiânia. Ali, na periferia, pudemos observar a prática de Cláudia, numa abordagem direta para a juventude, além de auxiliá-la em várias das atividades propostas.

Ao final do segundo dia de oficina no Ponto de Cultura Cidade Livre, tínhamos quatro cenas de teatro jornal, que foram apresentadas aos participantes da oficina, bem como a outras/os integrantes do Ponto e comunidade. Vimos ainda a potência da técnica de *Teatro Jornal*, das cenas produzidas e dos diálogos abertos no momento dos fóruns. Nos certificamos, havíamos escolhida a técnica certa, tendo em nossas mãos uma ferramenta capaz de proporcionar a politização de uma infinidade de temas, sempre a partir das opressões vividas pelas pessoas que participam do grupo. A conclusão pode ser que, para conversar e discutir sobre a *Diversidade*, a partir do *Teatro Jornal*, bem como de qualquer técnica do Teatro do Oprimido, é preciso ter um grupo diverso, é preciso ter um grupo que vivencia o preconceito contra a *Diversidade*, o que nos colocou diante de um desafio metodológico forte, ao compreender e/ou reafirmar a compreensão de que, mesmo tendo um tema a ser tratado nas oficinas, isso só iria acontecer se



conseguíssemos nos encontrar com um grupo que, por si mesmo, tivesse a vontade de falar sobre este tema.

2 - FORMANDO GRUPOS - ESTAR NA ESCOLA E ESTAR COM JOVENS

2.1 Enfrentando as instituições

O objetivo do *Circuito da Diversidade* era conseguir ocupar, da forma possível, o ambiente escolar com atividades artísticas que suscitasse o debate contra os preconceitos de gênero, raça, etnia, classe, racismo religioso e outros, valorizando e cultivando o respeito à diversidade no ambiente da instituição. Nossa oficina principal foi o *Teatro Jornal*, com a proposta de uma atividade de alguns dias (aproximadamente 20 horas), mas reunimos algumas educadoras parceiras de nossa rede de movimentação social para levar outras atividades para a escola, proporcionando contato das estudantes com diferentes formas de expressão, manifestações culturais, linguagens e abordagens.

Experiências anteriores nos alertavam sobre possíveis dificuldades para conseguir acesso a estudantes dentro da escola, por causa dos enormes caminhos burocráticos que às vezes precisam ser percorridos nas instâncias de administração escolar de estados e municípios. Para garantir a realização das atividades, buscamos identificar escolas receptivas às nossas propostas, que demandassem atividades para seu corpo discente e onde tivéssemos o acolhimento das trabalhadoras no interior da própria escola.

De três escolas, tivemos três diferentes experiências sobre formas de contato e mobilização da instituição e das estudantes para as atividades propostas. A primeira escola foi onde uma integrante do *Ocupa Madalena* cursou o ensino médio e onde outra educadora e pesquisadora de nossa rede feminista, ligada à universidade, havia acompanhado um grupo de meninas em discussões sobre gênero e raça no ano anterior. Nesta instituição, tivemos três pessoas parceiras, que colaboraram com a realização de oficinas. A coordenadora da manhã se demonstrou bastante interessada em acolher o projeto; uma professora das Ciências Humanas, turno matutino, incluiu nossa *Oficina de Turbante* em suas aulas para as turmas dos três anos do ensino médio, por meio da qual suscitou discussões dentro de temáticas curriculares; por último, conseguimos a parceria do coordenador da Educação de Jovens e Adultos (turno noturno), que nos abriu espaço para oficinas de *Beleza e Autoestima Negra* e confecção de Bonecas Abayomi, extraclasse.

Essas parcerias garantiram nossa presença na escola por uma semana, com atividades nos três turnos, e culminância da *Mostra de Artes da Diversidade*, em um sábado pela manhã. Porém, a escola como um todo não “assumiu” as atividades, ficando sob nossa responsabilidade toda a mobilização de estudantes para as oficinas e para a mostra de artes, que contou com uma boa adesão de estudantes, mas com quase nenhuma participação do corpo docente da escola.

Na segunda escola onde atuamos, tivemos uma experiência bastante diferenciada. Tratava-se uma escola de periferia cuja diretoria e parte das coordenações atuam na educação como



defensores dos direitos da população periférica, especificamente em relação ao direito à educação, mas de uma forma engajada nos problemas sociais enfrentados na periferia. Nos receberam com muita abertura, nos levando às reuniões de planejamento da escola e incluindo nossa proposta de culminância, o *Festival da Diversidade*, no

calendário escolar.

Neste Festival, tivemos a oportunidade de oferecer oficinas com diversos artistas ativistas e militantes dos direitos humanos (locais e de outras regiões) para toda a escola, em três turnos, incluindo uma oficina voltada só para professores. Durante desde manhã até a noite, toda a comunidade escolar esteve dedicada a vivências coletivas e individuais com artistas, ativistas e militantes do bairro e de outras áreas de Aparecida, Goiânia e Distrito Federal, numa ode à diversidade e ao respeito. Para a construção deste festival, nos três meses que o antecederam foram realizadas neste colégio a oficina de, com carga horária de 25 horas e as oficinas de *Poesia Falada* e de *Contação de Histórias*, com carga horária de 30 horas, que culminaram em apresentações belíssimas no Festival. Houve ainda um momento de expressão muito intensa da comunidade escolar no Festival, quando uma professora e coordenadora do colégio e alguns estudantes homenagearam dois ex-alunos do colégio que foram executados em uma chacina havia três semanas, quando já estávamos realizando atividades no colégio. Revolta, indignação e tristeza, mas um grito de resistência contra o extermínio da juventude negra e periférica no Brasil, embaladas por duas fortes poesias escritas pela professora.

Mesmo a direção da escola abraçando o projeto, muitas professoras e alguns professores estarem de acordo com as nossas abordagens e boa parte das funcionárias nos apoiar, não deixamos de perceber o forte incômodo de algumas pessoas mais conservadoras com nosso trabalho, o que em nenhum momento gerou atritos ou empecilhos para nossas atividades. Na terceira escola onde atuamos, as principais parcerias foram as próprias estudantes organizadas. Tratou-se de uma escola de ensino médio técnico, com grande tradição de mobilização política, sendo nossas portas de entrada o Grêmio Estudantil e um coletivo de jovens feministas. Sendo esta uma escola maior, com muito mais atividades sendo oferecidas, seguimos o processo de entrada na instituição proposto por estes coletivos, sendo que nossa atividade se vinculou apenas ao calendário de atividades artísticas e militantes da instituição, mas não ao calendário escolar.

2.2 Mobilizando desejos

As formas de entrada em cada escola que abriu as portas para o *Circuito da Diversidade* foram bem diferenciadas, mas uma estratégia de comunicação e mobilização, entre tantas utilizadas, se consolidou na primeira escola como ideal e nos acompanhou, com sucesso até a última. O corpo a corpo com as estudantes, na própria sala de aula, numa forma de intervenção lúdica e questionadora foi a nossa forma de comunicar com a totalidade de estudantes e despertar o interesse naquelas pessoas que precisavam se fortalecer para fazer, por elas mesmas, o enfrentamento dos preconceitos vividos na escola.

“Passar de sala em sala”, dando um recado, não seria o suficiente. Nossa intervenção incluía isso, com um adicional: uma música, um pandeiro, uma poesia, um rap, um beatbox feito por um aluno, palmas! A arte chama as artistas, instiga os corações que buscam a expressão livre, ativa e convida as pessoas mais tímidas a buscar o rompimento com sua forma retraída de ser.

Quando esta música ou poesia valoriza a diversidade e denuncia o preconceito, então o rebuliço na sala aumenta, as posições vêm à tona, há reações e, para aquelas estudantes que querem e precisam de mais respeito, aumenta a vontade de vivenciar mais momentos como aquele. A educadora que vai mobilizar jovens em sala de aula para uma oficina de *Teatro das Oprimidas*, precisa conseguir se apresentar como cúmplice delas, demonstrando (re)conhecer as opressões e estar trilhando caminhos que vão no sentido da sua própria libertação. Para mobilizar é preciso inspirar!

As comunicações de mural atualmente parecem bastante defasadas. A comunicação visual sobre oficinas disponíveis, dias e horários de apresentações, entre jovens, parece depender de ferramentas digitais, sejam redes sociais ou aplicativos de comunicação via celular. É como se o que não figurasse nas redes sociais existissem menos (pra não dizer que é como se não existisse). Mesmo que as estudantes não tenham tempo de acompanhar e se dedicar a mais um grupo no celular e mais uma comunidade na rede, figurar lá é importante porque as pessoas confirmam sua agenda com base em informações adquiridas por estes mecanismos. Formamos grupos de comunicação via aplicativo no celular, exceto na escola mais periférica, onde a maioria das/os estudantes não tinham celular próprio.

Na segunda escola, os corpos da extrema periferia, expostos a um conjunto mais intenso e severo de violências, constituíram um coletivo mais retraído e resistente, apesar de muita vontade de expressão, que parecia nos dizer, a todo momento “Nos convençam!”, tanto no interior da oficina de teatro como nos arredores dela. Na terceira escola, as participantes, em sua maioria já inseridas em contextos de lutas, demonstravam uma cumplicidade e vontade de colaborar com a atividade muito maior, e seus corpos pareciam mais concentrados em nos convencer de sua posição, como se dissessem “Acreditem em mim, que eu estou com vocês”. A vontade sincera de compartilhamento entre as partes, a disposição em se mostrar e não apenas querer que a outra parte se mostre, o interesse mútuo e comum foram elementos que proporcionaram a criatividade aflorar a partir dessas interações. Avaliamos que constituir voluntariamente um grupo e a possibilidade de interagir a partir do desejo e interesse direcionado foi o que proporcionou a potência de criação coletiva, para não dizer, de aprendizado teatral, o que difere fortemente uma atividade extraclasse como esta das possibilidades vivenciadas na sala de aula com conteúdo curricular para turma seriada.

2.3 Fortalecendo novos encontros

Ir ao encontro e produzir encontros. O *Circuito da Diversidade* foi, sobretudo, um processo de facilitação do encontro de afinidades, nosso com as estudantes e entre as estudantes. A proposta de oficina de teatro, baseada na estética do oprimido, não tinha um conteúdo com idéias e valores a serem transmitidos de forma colonizadora, mas um conjunto de problematizações orientadas a um fim: identificar e refletir quais opressões vivemos e entender como podemos combatê-las. Isso é, por si, mesmo um elemento agregador que produz identificação entre facilitadoras e estudantes que ingressam nesse processo.

As turmas de *Teatro Jornal* apresentaram características semelhantes. Maioria de meninas; meninos homossexuais; jovens com visão crítica acima da média da escola; a maior parte com bom desempenho escolar; interessadas em arte. Com as pouquíssimas informações sobre o Teatro do Oprimido (e o Teatro das Oprimidas) que foram repassadas na mobilização em sala de aula, esta turma atraiu jovens que sentiam necessidade em romper com a timidez e buscaram o teatro, de forma intuitiva, como algo que poderia lhes ajudar a se colocar melhor diante de seus colegas.



Ao longo do projeto conseguimos perceber a turma de teatro foi de fato um espaço de reconhecimento e entrosamento entre estudantes combativas, com lutas a fazer por sua própria liberdade e com disposição de debater e combater as formas de preconceito vivenciadas na escola, sendo esse o resultado positivo sobre a adequação das nossas formas de mobilização para uma atividade de T.O. Segundo Márcia Pompeo, pesquisadora da obra de Boal, com as experiências desenvolvidas a partir da proposta do autor, o teatro “passou a ser a arena privilegiada para refletir sobre questões de identidade de comunidades específicas, contribuindo para o aprofundamento das relações entre os diferentes segmentos da comunidade que podem através da improvisação, do jogo teatral, explicitar suas semelhanças e diferenças”. Muitas estudantes manifestaram prazer em conhecer as outras participantes da oficina, identificando afinidades que as vivências escolares em sala de aula não proporcionam, sendo este um ponto presente na avaliação positiva sobre a oficina de Teatro: a possibilidade de fazer novas boas amizades. De uma forma positiva, uma nova turma se forma, a partir de uma identificação mútua com a vontade de vivenciar uma

realidade diferente, com mais respeito e consideração entre elas, com a chance de se indignar com o que acha errado e com a força de ação a respeito do que acha que poderia ou deveria ser diferente.

Ao final do projeto tivemos a oportunidade de levar uma cena da segunda oficina de Teatro para se apresentar na mostra da terceira escola. Foi um momento bastante importante para aquelas jovens periféricas, que se apresentaram no Centro, para estudantes politizadas, e ver como a cena criada por elas, a partir de suas reflexões e vivências, instigou várias reflexões naquele grupo expect-ator. No retorno para seu bairro, no ônibus, todas voltaram cantando juntas e, na chegada ao colégio, saíram em coro, num canto que vinha da alma e do coração, a canção que, na cena, é cantada por uma travesti em um momento de afirmação de sua liberdade:

“Meu corpo cor-de-rosa, trabalhado pela dor. A nossa sociedade precisa de mais amor. Mas se mexer comigo, eu bagunço a casa toda. Sou louca. Sou doida. Sou dona da p.... Toda!”

3 - BRINCANDO E FALANDO SÉRIO - A OFICINA DE TEATRO JORNAL

Não podemos continuar nutrindo ilusões de que todas criancinhas são anjinhos e todos os humanos, gente boa. Conhecer a verdade é necessário para transformá-la. Ser vivo é ser expansivo (Augusto Boal).

3.1 - O que é mídia?

As Oficinas de *Teatro Jornal* tinham início com uma apresentação descontraída de cada uma, com ênfase nas expectativas de cada pessoa, e apresentação do Projeto. Daí pra frente, as atividades eram sequências de jogos e alguns momentos de conteúdo sobre a técnica, como elaborada por Boal e curingas do T.O. Seguindo as propostas de outras oficinas de T.O., em especial da nossa formação com Cláudia Simone, as oficinas começaram com jogos de aquecimento, como *Círculo de Nós*, *Badu*, *Contrário de Jackon*, *Batizado Mineiro*, *Toré*, desde o início estimulando a construção de cenas curtas e/ou pequenas coreografias.

Após a apresentação e jogos de integração, propúnhamos o encontro do grupo com a palavra *Mídia*. O trabalho com a palavra se faz necessário e urgente, para que possamos compreender o seu significado de forma mais ampla e



porque não dizer: desafiadora. Boal nos explica que não é só com palavras que podemos pensar, mas também por meio dos sons e imagens. De pé, em círculo, de costas para o centro: faça uma imagem para a palavra TV! Rádio! Internet! Celular! E por fim... Mídia! Cada palavra não será apenas dita e pensada como palavra, mas também como imagem. A busca é pelo seu significado coletivo, formando-se grupos de imagens que semelhantes que possam somar significado umas às outras na construção de sua estética. Perceber o mundo e mídia de forma superficial não nos oferece a possibilidade da transformação.

A castração estética vulnerabiliza a cidadania obrigando-a a obedecer mensagens imperativas da mídia, da cátedra e do palanque, do púlpito e de todos os sargentos, sem pensá-las, refutá-las, sequer entendê-las! O analfabetismo estético, que assola até alfabetizados em leitura e escritura, é perigoso instrumento de dominação que permite aos opressores a subliminal Invasão dos Cérebros! (Augusto Boal – Estética do Oprimido).

Em busca de desvelar a palavra *mídia*, num exercício de criação, se busca também revelar o emaranhado de interesses que a envolvem. Como afirmou Boal, a ausência do pensamento sensível pode fazer de nós pessoas que apenas obedecem às mensagens ditas. Esse sistema de dominação por meio da Palavra, do Som e da Imagem há que ser reconhecido e modificado.

O *Teatro Imagem*, que compõe o tronco da árvore do T.O. de Boal, é praticado enquanto alicerce do processo do *Teatro Jornal* na proposta de Cláudia Simone, utilizando inicialmente jogos que suprimem o uso de palavras e proporcionam a expressão de percepções que emergem de um lugar ainda não-racionalizado: os sentidos gravados no corpo. Excluir as palavras dos primeiros momentos de criação permite a expressão de coisas vivenciadas mesmo que ainda não refletidas, modificando o caminho do diálogo entre o grupo.

Ao nos deparar com a palavra *Mídia* durante o jogo de construção de imagens, pudemos perceber que os participantes não tinham definição sobre a palavra, demorando mais do que das outras vezes para a formação da imagem solicitada. As imagens que foram trazidas pelos participantes foram em sua grande maioria ligadas a imagens televisivas, representando artista ou telespectadores. Por exemplo, quando mostravam pessoas exageradamente felizes ou expostas de forma constrangedora, as imagens de mídia na maioria das vezes se revelavam como negativas.

As palavras e imagens se revelavam ao passo que novos significados surgiam e íamos ao encontro da *Mídia* usando os pensamentos sensíveis e simbólicos, inteiros, como seres humanos vivos e expansivos! Após observarem as imagens e responderem a pergunta: *Qual a idéia de mídia que essa imagem traz?* Foram formadas famílias de imagens semelhantes, em que o grupo e a pessoa acreditava ter algo em comum com as imagens formadas, como podemos ver na imagem a seguir.



Jogo Imagem da Palavra: Forma-se um círculo. Os participantes são convidados a ficarem de costas para o centro do círculo. Os participantes devem ficar de olhos fechados. Então, serão ditas palavras, em que os mesmos devem construir rapidamente a primeira imagem que vier com seus corpos e virar para o centro do círculo, ainda com os olhos fechados. Quando o grupo estiver de frente para o círculo, o condutor do jogo deve pedir que todos abram os olhos, porém mantendo o corpo na imagem construída, olhem para as imagens que formadas tentando identificar o que podemos perceber com cada imagem. A sequência de palavras que foram transformadas em imagens durante a oficina foram: gato, rádio, TV, mídia

As imagens foram apresentadas de forma individual e, depois disso, é proposto que as jovens se agrupem em “famílias de imagens”. Podemos visualizar na fotografia uma família de imagens sobre mídia. As/os participantes, agora, formavam uma imagem única. Novamente era questionado ao grupo sobre o que eles conseguiam perceber. *A ideia sobre mídia permanece a mesma? Conseguimos perceber algo de novo?* O grupo, então, era convidado a realizar um movimento a partir da imagem construída. Ver as imagens em movimento, na maioria das vezes, reforçou a ideia que foi transmitida anteriormente, mas outras vezes, revelou ideias que a imagem estática não conseguia transmitir.

Se antes cada ator mostrava sua imagem, ele o fazia de forma subjetiva, pessoal. Era ele que assim pensava, que mostrava sua maneira pessoal de reagir. Agora, porém, quando todos mostram a imagem ao mesmo tempo, podemos ter uma visão múltipla do tema, isto é, uma visão totalizadora, objetiva. Nesta primeira parte da dinamização, já não se trata de saber o que cada um pensa, mas o que todos pensam. Na apresentação individual do tema, podemos ver uma representação psicológica; agora, temos uma visão social. Isto é, como determinado tema influência ou impressiona tal comunidade (Augusto Boal - O Arco-íris do Desejo).

A formação de famílias de imagens, durante o jogo Imagem da Palavra, deve acontecer de forma livre, mesmo que alguma ou algumas pessoas não se agrupem. Em uma das oficinas, uma estudante construiu uma imagem de mídia que não se agrupou a nenhuma outra. Ao ser observada pelo restante do grupo, os conceitos de mídia levantados foram “felicidade” e “padrão de beleza”. Quando as curingas pediram que a estudante acrescentasse um movimento à imagem, o restante do grupo identificou que aquela composição passava uma ideia de “glamour”. No passo seguinte, ao acrescentar uma palavra à imagem e ao movimento, foi reconhecida também a ideia de “manipulação”. Ao final chegou-se ao entendimento de que, para a estudante, a mídia manipula e transmite a sensação de felicidade e bem-estar, ideias estas não encontradas nas outras famílias de imagens. Forçar um agrupamento dessa imagem com outras significaria perder o levantamento desse conceito de mídia e toda a discussão suscitada por ela.

3.2 Reconhecendo as estratégias da mídia

Após a etapa de construção de imagens a partir da palavra mídia e de levantamento dos conceitos e compreensões de cada grupo sobre o termo, passamos para a etapa de construção de cenas com a ideia de mídia apresentada pelo grupo. A estudante que havia construído a imagem corporal de que a mídia manipula e transmite a sensação de bem-estar e felicidade pediu que uma das curingas compusesse sua cena. A cena mostrava um comercial em que eram vendidas pílulas da felicidade e beleza e, à medida que a vendedora falava dos benefícios dessa pílula, uma modelo aparecia cada vez mais sorridente e feliz. Quanto mais inalcançáveis e absurdos eram os benefícios oferecidos, mais sorridente e eufórica a modelo se fazia. A estratégia de manipulação se fez nítida.



Manipulação foi o conceito de mídia mais levantado em todas as escolas que estivemos. Mas em uma das cenas construídas, a estratégia de manipulação da mídia revelada foi inspirada em uma experiência de um dos alunos. A cena mostrava um estudante tranquilo no dia a dia da escola, seu envolvimento em uma briga na porta da escola e uma reportagem que veiculou uma notícia distorcendo os fatos e mostrando-o apenas em um contexto de violência gratuita.

A cena revelou que a mídia reproduz o racismo, ao reforçar a imagem de um jovem negro como agressivo e baderneiro e é tendenciosa ao escolher mostrar apenas parte dos fatos. Naquele instante tivemos a expressão máxima do Teatro do Oprimido, feito POR e PARA oprimidos. A emoção foi forte ao ver um jovem se apropriando das ferramentas do teatro para recontar a própria história, criando conteúdos estéticos cheios de significados. Nesse contexto, as discussões sobre estratégias utilizadas pela mídia não enveredaram por teorias, mas partiram da realidade, retornando a ela.

Depois da apresentação das cenas, acontecia mais uma roda de conversa e as perguntas geradoras eram: *Qual foi a ideia de mídia passada pelo grupo? Continua a mesma ideia passada anteriormente? Vocês reconhecem essa estratégia da mídia para passar a sua mensagem?* É preciso que se discuta e se reflita em grupo todos os significados que a palavra pode nos trazer. Precisamos entender o que é, para darmos o próximo passo: ir ao encontro das notícias.

3.3 O Encontro com a Notícia

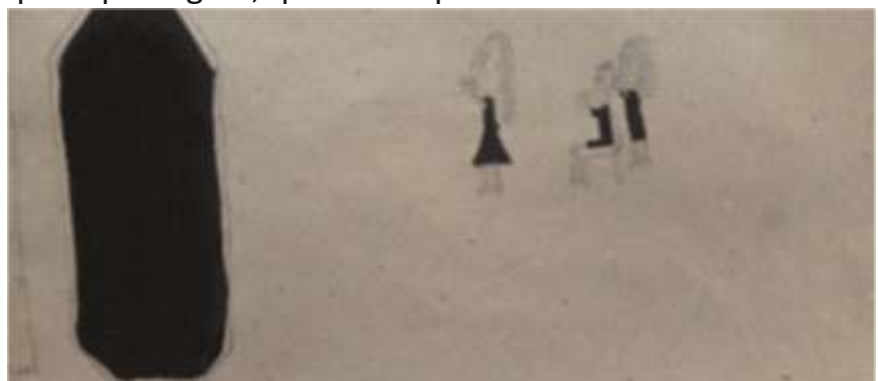
Depois de toda a discussão sobre a Mídia, o encontro com as notícias já não acontecem de forma inocente, mas com a percepção aguçada. É o rompimento com o que Boal descreve como “uma estética anestésica”, é a fundamentação da percepção intuitiva já existente, a respeito do controle das informações pela intenção opressora ou o início do rompimento com uma visão romantizada sobre a mídia.

O olhar para a notícia, agora, se dava com algumas perguntas chaves: *Quem deseja informar? Para quem quer informar? Com qual objetivo?* Anulando o poder absoluto das notícias, dadas como verdades, agora os nossos cérebros já não estão como diz Boal, programados para obediência, mas sim desejosos por desvendar o que há por trás da notícia.

Grupos formados, jornais distribuídos. Damos então início à escolha das notícias. *Qual notícia te impressiona? Qual notícia tem a ver com você?* Assim, eram as dicas para a escolha da notícia, cada participante escolhia uma notícia, e retornava ao grupo/família formado anteriormente. Em grupo, todos/as liam a sua notícia e faziam uma escolha. A escolha da notícia do grupo era um momento de debate com objetivo de aproximação.

Um painel de notícias era então montado, mostrando todas as notícias selecionadas individualmente e que não foram escolhidas para a montagem da cena do grupo. O grupo era então convidado a apresentar a notícia, revelando também a sua ideia de mídia, mostrando-a na cena. As cenas apresentadas nas escolas eram sempre ricas de significados e revelavam o poder crítico das adolescentes quando incentivados à reflexão e não apenas ao consumo de informações e a reprodução das mesmas.

Em uma das escolas, as/os alunas/os foram convidados a buscar a notícia não nas páginas dos jornais, mas a notícia vivida, impactada. Escreveram a notícia que mais os havia impressionado e posteriormente foi feito um trabalho de sinestesia, com as/os alunas/os sendo convidados a fazerem uma pintura sobre a notícia escolhida. As imagens feitas foram muito fortes. A presença da morte nas imagens, ou o risco dela, também apareceu nas narrativas encenadas. A vida que pede passagem, que clama por liberdade.



Caixão e o Sol ocupando ou tentando ocupar o mesmo lugar. As histórias pessoais e as notícias escolhidas se entrecruzaram em cena, onde começava uma ou terminava a outra já não era possível estabelecer.

Existe notícia boa para ser trabalhada? O *Teatro Jornal* é, antes de mais nada, Teatro do Oprimido, ou seja, deve ser feito por, para e com oprimidos/as. Para esta técnica, especificamente, isso quer dizer que a importância das notícias tem a ver com a relação que elas têm com as opressões vividas pelos/as participantes da oficina. O grupo deve ser orientado a escolher, individualmente, notícias que considerem importantes, que tenham alguma ligação com a sua vida. “Neste momento – diz Cláudia Simone –, é preciso ser maiêutico e compreender o que levou cada participante a escolher determinada notícia”. As notícias trabalhadas nas oficinas foram pesquisadas pelos estudantes em jornais que levávamos para as oficinas. Em apenas uma das escolas foi orientado que a pesquisa da notícia fosse feita na própria memória, fosse uma notícia vista em algum veículo de comunicação ou uma notícia que alguém próximo havia contado ou que tivesse ocorrido na escola ou no seu bairro. Depois de ler em grupo as notícias que cada participante escolheu, o grupo era orientado a escolher uma notícia apenas e, novamente, o critério mais importante deveria ser a relação entre a notícia escolhida e a vida da pessoa que a escolheu, priorizando a notícia que revelasse uma opressão vivida por alguém do grupo. A partir dessas notícias, se partia para a criação das cenas finais da oficina. A experiência mostrou que as notícias resgatadas na memória tinham em sua maioria relação direta com os estudantes, o que foi muito rico para a construção das cenas, enquanto que nas escolas em que as notícias foram pesquisadas em jornais, ocorreu que por vezes foram escolhidas notícias sem relação direta com as/os estudantes, apesar desse elemento ser apresentado como condição para a escolha. Quando perguntamos a alguns estudantes sobre os motivos de terem escolhido uma notícia em detrimento de outra, escutamos que a escolha foi devido a sua importância. Percebemos que as notícias de teor político partidário foram consideradas especialmente “importantes”.

Na primeira escola, a escolha da notícia foi especialmente desafiadora. Enquanto curingas, nos deparamos com um grupo que escolheu uma notícia sobre um debate de presidencialistas das últimas eleições, aproximadamente três anos atrás, porque havia dentro o material de pesquisa oferecido aos alunos jornais e revistas antigos. Houve entre nós a visão de que havia notícias mais potentes do que a escolhida sendo ignoradas, notícias que, a nossos olhos, tinham relação direta com as estudantes. O caminho escolhido foi o de dar sequência ao roteiro planejado, segurar a ansiedade e proporcionar momentos de livre criação de cada grupo sem a presença das curingas. Mesmo com uma notícia antiga, a cena criada foi uma cena extremamente atual, mostrando a continuidade entre as problemáticas do processo eleitoral altamente midiático e a corrupção generalizada nos governos. “Cuidado com a mídia, que a mídia te pega! Te pega daqui, te pega de lá!, foi a paródia criada para abrir e fechar a cena.



O caminho que se seguia depois da escolha da notícia, para a preparação dessas cenas, era convidar as participantes a criarem novas imagens/cenas que contextualizassem as notícias, mostrando um momento anterior ou posterior ao mostrado pela cena central, escolhendo para isso uma das várias técnicas de criação do *Teatro Jornal*. Aliado às técnicas de ensaio, utilizamos as técnicas da estética do oprimido e do teatro imagem. Os grupos criaram músicas e poesias sobre os temas e fizeram coreografias utilizando imagens de mídia que foram acrescentadas às cenas, acrescentando um conjunto de elaborações que, num debate simples, dialogando, as estudantes não conseguiram expressar.

Em nossa primeira oficina, um grupo escolheu uma notícia que era na verdade um pequeno quadro explicando as fases do feminismo. A apresentação da cena sobre a notícia das fases do feminismo, nos surpreendeu bastante, positivamente. Aliada à descrição de cada período histórico do feminismo, contida na pequena nota jornalística, as estudantes construíram cenas que revelavam também opressões próprias de cada período. Fizeram uma contextualização que mostrava como a nota jornalística por si só não proporcionava a percepção da atual de desigualdade na divisão do trabalho e violência doméstica ainda existente. Para finalizar, uma paródia do funk “Explosão”: “Meu pai é machista, é [oprimista], olha o que ele faz com as mulheres da família! Olha a opressão! Com a justiça na palma da mão, não realiza nem põe em ação! Olha a opressão!”.



Reafirma-se mais uma vez que não há notícia ruim para ser trabalhada, o que existe são potências diferentes em cada uma, que colocam diferentes desafios para quem orienta um

processo de criação com *Teatro Jornal*. Consideramos que encontrar maneiras melhores de explicar o que deve ser considerado na hora da escolha da notícia, por exemplo, “o quê mesmo significa que uma notícia que tem a ver com a sua vida”, pode estimular que um número maior de participantes consiga fazer uma relação mais próxima entre as opressões vividas e as notícias lidas nos jornais. Foi sintomático perceber também que em grupos compostos por garotas e um único garoto, a notícia escolhida foi a que havia sido trazida pelo garoto, expressando na escolha da notícia também as relações de poder estabelecidas em sociedade. Lidar com essas situações também exige muita experiência de curingagem, para problematizar a escolha sem impor uma escolha diferente.

Avaliamos ainda, sobre o formato da oficina, que a questão do tempo é muito importante para proporcionar a liberdade de criação das estudantes. Ao longo do projeto fomos ampliando a quantidade de horas da oficina, porque percebemos que quando falta tempo para o grupo, é gerada a necessidade de “direção teatral” por parte das facilitadoras, o que compromete metodologicamente o trabalho. Ter dias vagos entre as etapas da oficina também pareceu importante para dar tempo das ideias se desenvolverem e a criatividade aflorar. Nas oficinas que fizemos com a curinga Claudia Simone, a criação seguiu uma sequência na qual os grupos formados por famílias de imagem fizeram a escolha das notícias e permaneceram os mesmos até a construção das cenas finais. Durante as oficinas nas escolas, nos deparamos com o desafio de lidar com as faltas que, em alguns momentos, impediu a sequência linear dos trabalhos em grupo.

A proposta de Cláudia foi de que cada momento da oficina terminasse com um pequeno produto, que poderia ser retomado por qualquer grupo presente nos momentos seguintes, fazendo algumas adaptações. “A proposta de oficina deve estar sempre aberta para adaptações segundo a realidade do grupo que se encontra, suas dificuldades, que podem derivar da falta de espaço à discriminação entre os participantes. Nunca trabalhamos com uma sequência pré-definida. Esse planejamento conta sempre com múltiplas possibilidades de mudança, não temos uma receita de bolo”, nos disse a curinga. Num processo de criação orientado pela experiência vivida, no passado e a cada momento, é preciso o tempo todo ouvir o grupo, ouvir cada jovem, não se desesperar diante de um fato que foge do planejamento e que poderia torna-se um problema. Isso é fazer Teatro do Oprimido.

3.4 Debatendo com a escola e a comunidade

Em cada escola, o *Circuito da Diversidade* teve um dia de culminância, com apresentação para a comunidade escolar dos resultados das oficinas oferecidas pelo projeto. As apresentações artísticas foram espaços de diálogo ampliado, que se iniciava a partir do que havia sido visto e revelado com a apresentação dos produtos das oficinas realizadas na escola, em especial das cenas de teatro criadas por estudantes. Os espaços construídos para esse diálogo artístico foram bem singulares em cada escola que o Circuito da Diversidade passou e em cada uma foi chamado de forma diferente: *Mostra de Artes da Diversidade*, *Festival da Diversidade* e *Mostra de Cenas de Teatro Jornal*.

A potência das cenas de *Teatro Jornal* está na veracidade dos fatos que são trazidos pelas atrizes-atores e a identificação que isso provoca no público. Como as cenas são construídas com base em notícias atuais, que dizem de forma direta ou indireta sobre realidades vividas, a identificação e a possibilidade de diálogo a partir das cenas é muito rica, e assim foi em

todas as escolas. Temas difíceis, como machismo e homofobia, foram trazidos pelas estudantes de uma forma que causa empatia no público, revelando o ponto de tensão da opressão vivida por cada protagonista da cena.

Além dos diálogos sobre cultura e preconceito, outra fonte de conversa foram os fatos políticos e as relações de desigualdade que tomam conta dos noticiários atuais. Foi muito importante e rico poder conversar com as estudantes sobre estes assuntos num momento em que havia muitas mobilizações de trabalhadores/as, incluindo professores, em torno de reformas legislativas que atingem diretamente os direitos trabalhistas, principalmente pela possibilidade deles construírem mensagens que seriam transmitidas à comunidade escolar, quer dizer, os sentidos estavam sendo criados e multiplicados, com possibilidade de tocar as opiniões de muitas pessoas.

Os temas das cenas construídas na Oficina de *Teatro Jornal* demonstraram realmente o foco do T.O – falar da realidade vivida, individual e coletivamente. Em cada escola, o tom da mostra foi bastante diferente. Tivemos seis cenas criadas nas oficinas e uma montagem feita a partir da reunião de cenas em uma das escolas, com temas bastante variados: corrupção, machismo, homofobia e transfobia, racismo, exclusão de classe, pedofilia e violência contra a mulher/criança, injustiça, violência policial, padrões hegemônicos de beleza e auto-estima, redes sociais e depressão, estupro, feminicídio.

Todo o processo de criação ressaltou a potência da estética do oprimido como resposta à invasão dos cérebros, tendo como ponto de maior expressão as músicas criadas em praticamente todas as cenas, muitas vezes parodiando músicas que estão colonizando nossas mentes com sentidos opressores, o que nos mostrou que de fato o teatro abre a chance de criar uma outra visão de si, compreendendo o seu lugar de oprimido e exprimindo a necessidade de romper com ele.





Conseguir, a partir de uma cena, fazer uma discussão com o público ainda é uma novidade na escola. Consideramos que ter dado primeiros passos para a possibilidade de transformar sentidos e abrir a chance de conversas coletivas na comunidade sobre o que se pensa e sente. Em uma escola específica, onde as estudantes já eram mais politizadas, o debate foi bastante profundo e, ainda assim, foi um tanto complicado fazer com que ele se tornasse um diálogo, incluindo não apenas a fala, mas também a escuta de cada pessoa. Mas na escola mais periférica em que atuamos, as cenas foram momentos de um rompimento estético anterior, um choque na realidade, uma bomba lançada sobre os preconceitos, com um debate tímido e estarecido, mas com um impacto de intervenção que ficou realmente marcado no ambiente escolar.



As mostras de artes nas escolas tiveram ainda a participação de outras oficinas e apresentações, e será importante dar ênfase para a Oficina de Beleza Negra (Ponto de Cultura Flora do Vale), uma proposta de valorização da estética africana e afro-brasileira – vestimentas, maquiagem e penteados – como um potente ataque à estética racista opressora, ao som de tambores da oficina de percussão, com meninos e meninas construindo a chance perceber e valorizar sua beleza própria e suas raízes. Neste sentido, contamos ainda com a parceria maravilhosa da Associação Quilombola Urbana Jardim Cascata (Aparecida de

Goiânia), com oficina de dança e tranças nagô, a presença viva de nossa história de resistência dentro da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta primeira etapa do *Projeto Circuito da Diversidade na Escola*, financiada pelo Fundo Brasil de Direitos Humanos, durou ao todo 12 meses, incluindo formação para curingas, processos de articulação e mobilização, oficinas, mostras de artes e processos de avaliação e sistematização. A oficina de *Teatro Jornal* desenvolvido pelo *Grupo Transas do Corpo e Núcleo Ocupa Madalena de Teatro das Oprimidas* ofereceu, ao todo, formação para 48 estudantes de quatro colégios da rede pública de ensino de Goiânia e Aparecida e construiu seis cenas teatrais que tiveram ao todo, nas primeiras apresentações, público total de 200 pessoas das comunidades escolares. Somada às outras oficinas oferecidas por grupos parceiros dentro das nossas atividades, tivemos ao final um público de beneficiadas/os diretas/os de 900 pessoas. Essa circulação entre instituições públicas foi o pontapé de um processo necessário de ocupação dos ambientes escolares com o debate sobre a diversidade humana, que introduza os debates feministas, LGBTTI e anti-racistas enquanto formação para o respeito e contra as violências intolerantes. Durante nossa estada nas escolas, pudemos ficar de frente com as ausências de direitos, muitas vezes normalizadas pela mídia e posteriormente por nós, num processo onde a *desmecanização* da realidade proporcionada pelo T.O. nos ensina a retomar a sensibilidade para cada elemento humano que envolve cada história.

A chance de retornar em duas escolas após a finalização das oficinas revelou a necessidade de um processo sistematizado e continuado. A carência de espaços para que as adolescentes possam criar de forma coletiva mostra que é difícil que as experimentações com o teatro sigam sem a presença de curingas reunindo o grupo, apesar de os grupos terem se consolidado para outras atividades. As rodas de conversa e as oficinas abriram vários pontos de discussão, ao mesmo tempo construindo e reafirmar identidades dos grupos e também elaborando desejos de mudança. Adubamos o sonho de viver em uma sociedade mais justa e agora precisamos seguir regando-o.

As buscas por direitos em comunidade continuam em descoberta e temos muita vontade e necessidade de dar continuidade às oficinas e vivências para uma transformação social, que se faz urgente. É certo que ainda há muito para ser feito e que o próximo capítulo dessa história é desafiador. Fica-nos a percepção da necessidade e urgência de uma educação voltada para as reflexões sobre nossos direitos enquanto comunidade, sociedade e humanidade, pautadas naquilo que vislumbramos de melhor para nós mesmas/os. Num tempo onde a violência impera, vinda de todos os lados, a arte se apresenta de fato como caminho possível para o rompimento dos padrões de debate, capaz de alcançar as profundezas de seres que muitas vezes se esquecem que podem e devem sonhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. *O Arco-Íris do Desejo: O método Boal de teatro e terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

_____. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Gramond, 2009.

NOGUEIRA, Marcia Pompeo. *Tentando definir o Teatro na Comunidade*.

Não basta consumir cultura: é necessário produzi-la. Não basta gozar arte: necessário é ser artista! Não basta produzir ideias: necessário é transformá-las em atos sociais, concretos e continuados. Em algum momento escrevi que ser humano é ser teatro. Devo ampliar o conceito: ser humano é ser artista! Arte e Estética são instrumentos de libertação.

(Augusto Boal - Estética do Oprimido)

REALIZAÇÃO:



APOIO:

